

## O PAPEL DA ARTE DISSIDENTE NA PROMOÇÃO DA INCLUSÃO EM ESPAÇOS URBANOS MARCADOS PELA DESIGUALDADE

Betania MACIEL<sup>1</sup>

### Resumo

A arte, em suas múltiplas manifestações – música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura, cinema, fotografia, arte sequencial e digital, entre outras –, transcende a mera expressão individual e se constitui como um espaço privilegiado para a compreensão das complexas dinâmicas socioculturais contemporâneas. Este estudo investiga a arte e a comunicação como instrumentos de contestação e afirmação de identidades dissidentes, analisando como essas manifestações artísticas e comunicacionais negociam as rupturas, fragmentações e (des)construções identitárias na contemporaneidade. O foco da pesquisa reside na análise do papel das narrativas transmidiáticas nos processos de visibilidade identitária, buscando identificar as estratégias de ressignificação da cultura marginal. Para tanto, o estudo se propõe a problematizar as variadas concepções de cultura, desde as hegemônicas e totalitárias até as formas mais abertas e dialógicas, considerando a cultura e a identidade como processos dinâmicos em constante transformação. A pesquisa, portanto, busca compreender como as narrativas transmidiáticas se articulam com as desigualdades socioespaciais e o direito à cidade, contribuindo para os debates sobre inclusão social e cidadania em espaços urbanos marcados pela diversidade e pela contestação da norma.

**Palavras-chave:** Cultura Urbana, Cidadania, Direito Socioespacial, Subjetividade, Desigualdade, Inclusão, Narrativas Transmidiáticas, Identidade Dissidente, Arte Contemporânea.

### Introdução

A urbe, enquanto palco de interações sociais e manifestações simbólicas, constitui-se como um texto complexo, cujas narrativas são inscritas tanto na materialidade de seus muros e ruas quanto nas performances e representações que se

---

1

desenrolam nos espaços públicos, reverberando em seus fluxos informacionais. Tomando como referência a perspectiva de Martín-Barbero (1998), que concebe a cidade como um emaranhado de fluxos e informações, no qual a agência dos historicamente marginalizados instaura uma dinâmica de luta pela resignificação dos territórios como locus vitais para a produção cultural, podemos compreender a reordenação do espaço urbano em termos simbólicos como um processo de mobilização identitária, subjetiva e imaginária, capaz de engendrar novas configurações políticas.

Nesse contexto, a interdisciplinaridade emerge como um paradigma epistemológico fundamental para a apreensão da complexidade urbana. Para além da mera justaposição de saberes, a interdisciplinaridade pressupõe uma prática de produção do conhecimento pautada pela interlocução teórica e metodológica entre diferentes campos do conhecimento, fomentando a emergência de novos conceitos, metodologias e níveis crescentes de intersubjetividade. Essa abordagem transdisciplinar visa compreender a natureza multifacetada de fenômenos complexos, promovendo a convergência de áreas díspares do saber, com o intuito de expandir as fronteiras da ciência e da tecnologia, transferindo métodos e gerando novos conhecimentos e disciplinas.

No cenário contemporâneo, as redes sociais informatizadas assumem um papel crucial na disseminação de representações e iniciativas coletivas, configurando-se como um espaço de interação entre os diversos agentes que compõem o sistema da arte. Ancorada nos estudos sobre Cultura e Identidade, bem como na perspectiva da Comunicação como instrumento de empoderamento e inclusão, esta pesquisa investiga como a arte dissidente, veiculada por meio dessas plataformas digitais, contribui para a promoção da inclusão social.

A aproximação entre as discussões sobre cultura e identidade, contextualizada por meio de um referencial teórico que encontra no pensamento de Luiz Beltrão um de seus pilares, permite aprofundar a compreensão acerca das dinâmicas socioculturais que permeiam o espaço urbano. A partir dessa lente teórica, busca-se analisar as complexas relações entre as manifestações artísticas, as identidades individuais e coletivas, e os processos de inclusão e exclusão social que se desdobram no contexto da cidade contemporânea.

A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é "preenchida" a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a "identidade" e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 39).

Stuart Hall (2006) argumenta que a construção identitária se ancora nas formas de expressão advindas do senso comum, cuja peculiaridade reside em sua gênese e nos modos como são compartilhadas e socializadas dentro de um determinado grupo. Essa base comum, como apontam diversos autores, incluindo Bauman (2013), constitui o núcleo gerador da identidade coletiva.

A hipótese central deste estudo reside na premissa de que, dentro de um contexto específico, a participação de grupos minoritários na esfera sociocultural engendra processos criativos que expõem a crise da representação, tanto no âmbito artístico quanto no político. A análise dos eixos e das diferentes intensidades das manifestações artísticas produzidas socialmente constitui o arcabouço metodológico desta pesquisa.

O presente trabalho propõe-se a empreender uma investigação a partir da coleta de imagens que ocupam lugar de destaque nas mídias, partindo do pressuposto de que a comunicação se configura por meio de modelos dinâmicos e evolutivos, os quais potencializam a transmissão da mensagem. A análise dessas imagens, enquanto artefatos culturais que refletem as tensões e as transformações sociais, permitirá compreender como os grupos minoritários negociam suas identidades e se inserem no discurso hegemônico, contribuindo, assim, para a reconfiguração do cenário artístico e político.

Elas surgem da narrativização do eu, mas a natureza necessariamente ficcional desse processo não diminui, de forma alguma, sua eficácia discursiva, material ou política, mesmo que a sensação de pertencimento, ou seja, a "suturação à história", por meio da qual as identidades surgem, esteja, em parte, no imaginário (assim como no simbólico) e, portanto, sempre, em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático (HALL, 2012, p. 109).

A construção identitária, como postula Hall (2012), é intrinsecamente ligada ao discurso no qual o sujeito se insere, sendo a sua permanência indissociável das relações de poder que permeiam o contexto social. A análise da identidade, portanto, requer uma compreensão das dinâmicas de poder que operam na constituição dos grupos sociais, revelando como se desenvolvem os comportamentos, frequentemente marcados pela

diferença e pela exclusão, e como esses processos se refletem na formação da cultura e da identidade. A noção de sujeito descentrado, proposta por Hall, ressalta a fluidez e a maleabilidade da identidade, constantemente negociada e reconfigurada nas interações sociais.

Este estudo, ancorado em uma abordagem interdisciplinar, utiliza como referencial teórico autores como Bauman (2005, 2013), Bourdieu (1983), Hall (2006, 2012), Groppo (2000), Charlot (2001) e Arroyo (2005), com o objetivo de analisar a juventude como categoria de análise, investigando o papel desempenhado pelos jovens em suas diversas manifestações. A interseção entre Comunicação, Psicologia, Educação e Antropologia, entre outras áreas do conhecimento, permite uma compreensão mais nuançada das complexas dinâmicas que configuram a experiência juvenil na contemporaneidade.

A análise de grupos juvenis e suas formas de expressão exige a consideração de fatores como classe social, relações de poder, inserções sociais, econômicas, políticas e culturais, bem como os interesses específicos de cada grupo e suas manifestações artísticas. Esses elementos, intrinsecamente relacionados, influenciam a construção dos modelos de identificação e as formas de expressão adotadas pelos jovens. A perspectiva de Bourdieu e Chartier (2012) sobre a relação dialética entre o indivíduo e a sociedade, expressa no conceito de *habitus*, fornece um quadro analítico relevante para compreender como as estruturas sociais são introjetadas pelos agentes e exteriorizadas em seus comportamentos e práticas sociais.

A juventude, enquanto fase de transição e de construção identitária, caracteriza-se pela busca por significados e por espaços de pertencimento. As manifestações artísticas, nesse contexto, assumem um papel fundamental como meio de expressão, de experimentação e de negociação identitária. A análise dessas manifestações, portanto, permite compreender as tensões, os conflitos e as aspirações que marcam a experiência juvenil na sociedade contemporânea, bem como os processos de resistência e de subversão que se desenvolvem nos espaços da cultura e da arte. A influência das mídias e das tecnologias digitais também deve ser considerada na análise das formas de expressão juvenis, uma vez que essas tecnologias reconfiguram as paisagens comunicacionais e criam novas possibilidades de interação e de produção cultural.

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BOURDIEU, 1983b, p. 65).

Segundo Bourdieu, o mundo social é objeto de conhecimento teórico. O fenomenológico, considera:

[...] a verdade da experiência primeira do mundo social, isto é, a relação de *familiaridade* com o meio familiar, apreensão do mundo social como mundo natural e evidente, sobre o qual, por definição, não se pensa, e que exclui a questão de suas próprias condições de possibilidade. O conhecimento que podemos chamar de *objetivista* (de que a hermenêutica estruturalista é um caso particular) (que) constrói relações objetivas (isto é, econômicas e linguísticas), que estruturam as práticas e as representações práticas ao preço de uma ruptura com esse conhecimento primeiro e, portanto, com os pressupostos tacitamente assumidos que conferem ao mundo social seu caráter de evidência e natural [...] Enfim, o conhecimento que podemos chamar de *praxiológico* (que) tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento objetivista constrói, mas também as relações *dialéticas* entre essas estruturas e as *disposições* estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e exteriorização da interioridade. (BOURDIEU, 1983b, p. 46-47).

Selton (2002), sugere que o habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Pelo fato de que a identidade das condições de existência tende a produzir sistemas de disposições semelhantes (pelo menos parcialmente), a homogeneidade (relativa) dos habitus que delas resulta está no princípio de uma harmonização objetiva das práticas e das obras, harmonização esta própria a lhes conferir a regularidade e a objetividade que definem sua 'racionalidade' específica e que as fazem ser vividas como evidentes e necessárias, isto é, como imediatamente inteligíveis e previsíveis, por todos os agentes dotados do domínio prático do sistema de esquemas de ação e de interpretação objetivamente implicados na sua efetivação, e por esses somente (BOURDIEU, 1983b, p. 66).

Este estudo investiga a articulação da expressão de sentimentos e emoções por grupos socialmente marginalizados através de imagens artísticas veiculadas em plataformas de mídia social, como o YouTube, durante a pandemia da COVID-19. O objetivo principal reside na análise de como essas imagens definem o lugar de fala desses grupos e como sua comunicação se insere no conteúdo midiático, configurando uma forma de participação social no contexto da cultura digital. A ênfase recai sobre a capacidade das imagens em transcender barreiras tradicionais de comunicação, empoderando grupos marginalizados e permitindo a expressão de suas vivências, frequentemente silenciadas em narrativas hegemônicas.

A pesquisa, situada no contexto da comunicação digital contemporânea, caracterizada pela instantaneidade e ubiquidade da informação, centra-se na análise de imagens que assumem protagonismo nas mídias. Considera-se a comunicação como um processo dinâmico e polifônico, em constante transformação e evolução, impactando a produção, circulação e recepção de mensagens. A metodologia adotada privilegia a análise iconográfica e a netnografia, buscando compreender as nuances simbólicas e os contextos socioculturais que permeiam a produção e a disseminação dessas imagens.

A fundamentação teórica ancora-se, em parte, na perspectiva de Bauman (2013, p. 29) sobre a fluidez das identidades, as quais, longe de serem fixas, adaptam-se e reconfiguram-se em consonância com o contexto sociocultural, à semelhança da própria cultura, sujeita a mutações temporais e espaciais decorrentes das relações sociais.

Complementarmente, dialoga-se com autores que abordam a relação entre arte, afeto e política, a exemplo de Rancière, Ahmed, Butler, buscando compreender como a expressão artística online pode contribuir para a reivindicação de direitos, a construção de comunidade e a transformação social. A pandemia da COVID-19, enquanto contexto de crise e incerteza, acentua a importância dessas manifestações artísticas digitais, que oferecem espaços de resistência, solidariedade e ressignificação da experiência coletiva.

[...] o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”.

Para tal, fez-se necessário investigar as condições que fazem com que a comunicação do corpo com o ambiente seja não apenas possível como, sobretudo,

eficiente. Avaliar as expressões culturais, não apenas das imagens em movimento, sendo este, um dos modos possíveis de sua comunicação, mas também dos signos, significados e sinais apresentados nas postagens analisadas através das pinturas dos muros e dos grafites.

As linguagens da cidade têm um caráter pedagógico: porque a materialidade e a subjetividade da cidade expressam as relações e os valores sociais, políticos, racistas, de classe, de exclusão ou inclusão, que estão presentes na sociedade. Então, esses símbolos, esse patrimônio, representam a experiência cotidiana do cidadão e, ao mesmo tempo, educam o olhar e a percepção do outro, o que é fundamental para a construção da identidade. (ARROYO, 2005, p. 34).

Este estudo investigou as expressões artísticas e culturais de jovens em movimentos sociais, utilizando as redes sociais telemáticas como principal *corpus* de análise. Parte-se do pressuposto de que a arte, enquanto manifestação da capacidade humana de criar e expressar, configura-se como um registro fundamental da memória coletiva, seja no âmbito público ou privado. As plataformas digitais, nesse contexto, assumem um papel importante como repositórios de expressões culturais contemporâneas, permitindo a disseminação e a preservação dessas manifestações para as gerações futuras. A pesquisa explora a rica intersecção entre arte, juventude, tecnologia e movimentos sociais, buscando compreender como essas esferas se influenciam mutuamente.

A análise concentra-se nas imagens veiculadas pelos jovens nas redes sociais, considerando que essas escolhas estéticas refletem suas aspirações, identidades, referências e visões de mundo. As imagens compartilhadas online funcionam como uma forma de auto-representação, construindo narrativas visuais que comunicam valores, ideias e pertencimentos. A pesquisa busca decodificar as mensagens implícitas e explícitas nessas imagens, considerando os códigos visuais e as linguagens específicas de cada plataforma. Além disso, investiga-se como as interações sociais nas redes, como comentários, curtidas e compartilhamentos, contribuem para a construção de significados e para a formação de identidades coletivas.

A metodologia empregada combina a análise de conteúdo com a netnografia, permitindo uma abordagem qualitativa que considera tanto o conteúdo das imagens quanto os contextos socioculturais em que são produzidas e compartilhadas. A pesquisa dialoga com os estudos sobre cultura digital, cibercultura e visualidades, buscando compreender o impacto das tecnologias digitais nas formas de expressão artística e na

construção de identidades juvenis. Ao investigar as manifestações artísticas de jovens em movimentos sociais nas redes sociais, a pesquisa contribui para uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais, políticas e sociais da contemporaneidade.

O jovem e sua identidade que correspondem “[...] às suas expectativas, às suas referências, à sua concepção da vida, às suas relações com os outros, à imagem que tem de si e a que quer dar de si aos outros” (CHARLOT, 2000, p. 72).

Dentro desta perspectiva, avaliamos e comentamos aqui nesta pesquisa, temas sobre a inclusão social na forma artística de expressão, difundidos e identificados como valor pelas expressões que são marcadas pela heterogeneidade cultural, sendo este um fator essencial para o reconhecimento das diferenças e a promoção da inclusão social.

Estudar como atualmente, jovens da periferia, *youtubers* e grafiteiros; expõe sua arte através das publicações em Redes Sociais de diferentes temas relacionados à pandemia.

a produção cultural humana [...] constitui um processo em curso e em constante e permanente transformação, cuja diversidade e riqueza ultrapassam sempre os modelos de qualquer modelo técnico previamente estabelecido” (ORIÁ, 2001, p. 132).

O foco da pesquisa não foi somente nas redes sociais e nos bairros periféricos na cidade de Recife, mas, principalmente aos jovens que tentam buscar a convivência através de manifestações e alguns utilizaram o tema da pandemia do novo coronavírus. Estas manifestações estão nos muros, danças e *posts* na internet.

Na história da humanidade, as expressões artísticas possuem um protagonismo nos acontecimentos trágicos, podemos citar exemplos como: David Wojnarowicz e Félix González-Torres direcionando suas expressões artísticas sobre o tema do HIV/Aids, utilizando do grafite, da fotografia, como instrumentos de denúncia e de reflexão. Sandro Botticelli, Edvard Munch e Alice Neel, com obras referentes à tuberculose; Tintoretto, Bruegel e Bocklin, que pintaram obras relacionadas à Peste Negra e finalizando, fazendo uma relação com a pandemia do novo coronavírus, artistas como Klimt e Munch, que pintaram obras relativas à gripe espanhola, que matou grande parte da população no início do século XX.

### **Apresentação do Corpus da pesquisa**

A amostragem representativa desta pesquisa deteve-se em primeiro momento a oito muros localizados em diferentes pontos da Capital pernambucana: Parque Doutor

Arnaldo Assunção, no Engenho do Meio; Ponte Giratória, no Bairro de São José; Largo da Bomba do Hemetério; próximo à Via Mangue, no Pina; Avenida Antônio de Góes, no Pina; Praça Paulo Freire, na Madalena; Avenida Herculano Bandeira, no Pina; e na Barão de Souza Leão, próximo ao Colégio Madre de Deus, em Boa Viagem. garante eficiência ao fornecer uma base lógica, para o estudo de partes de uma população, utilizando-se da representatividade.

O interesse por estes murais, foi devido a importância do projeto de promoção cultural da prefeitura do Recife, na busca de incluir a participação dos artistas jovens que durante a pandemia necessitavam de incentivo, desta forma trabalhando na promoção aos cuidados com a população, em virtude do alto número de casos da Covid-19, com a iniciativa de reforçar mensagens de otimismo e cuidado para a população. As artes foram criadas pelos seguintes artistas: Noturno, Luther, Johny, Eva e Harém, Saibot, Marquinhos ATG e Caju. Nas pinturas, são retratados alguns dos principais símbolos do carnaval pernambucano, como a La Ursa, além de frases como “Hoje vai ser massa” e “Respeito e cuidado”. Os painéis reforçam os protocolos sanitários, que são essenciais para o controle da disseminação do vírus da Covid-19, ao mesmo tempo que artistas são incluídos dentro do processo de comunicação e divulgação dos cuidados e prevenção com relação a saúde pública em tempo de pandemia.

O *corpus* da pesquisa apresentado abaixo, através da coleta de material feita pelo canal de *youtube* refere-se as evidências da realidade, onde permite avaliar situações reais, a partir das amostras coletadas, possibilitando uma visão das quais são pré-definida, como *corpus* dinâmico, que é a forma escolhida para tratar este tema.

Em uma comunidade da periferia do Recife, alguns jovens tinham pixado a Unidade de Saúde que havia sido pintada a pouco tempo. Esse vídeo mostra o resultado da ação educativa, de jovens grafiteiros, que foram nessa comunidade, reuniram os jovens e utilizando a arte do *grafite* fizeram brilhar o talento desses por meio da expressão artística, ensinando os jovens a utilizarem o grafite para refletir a aproximação da Unidade de Saúde com a comunidade.



A

<https://www.youtube.com/watch?v=Kw2uqtAjt0>

A favela do Recife as palafitas ninguém mostra aqui no Recife Pernambuco Brasil Avenida Antônio de Góes Pina veja só como a situação aqui das pessoas que mora nesse lugar com as casas de madeiras que a qualquer momento pode desabar pode vir acontecer o pior tô aqui Givanilson Berg passeando pelos becos da Comunidade dos palafitas aqui do Pina Recife Pernambuco Brasil país tropical ele se encontra embaixo da ponte do Pina aqui nesse lugar mora crianças senhoras idosos rapazes até animais domésticos realmente o que levou a essas pessoas vir morar nesse lugar realmente não sei te explicar mais alguns moradores falaram quem ele vinhero mora aqui nesse lugar por causa da situação que eles estavam morando na rua hoje teve sua opção de morar aqui em casas de palafitas do Recife Pernambuco Brasil passeando pelos becos estreitos do lugar que não tem saneamento básico não tem limpeza sanitária tudo aqui é para eles os moradores eles passeiam por cima de tábuas que a qualquer momento pode desabar qualquer erro você pode cair embaixo do rio aqui no Pina mora é essas pessoas nessa situação governante e Presidente era para olhar para esse lado a qualquer momento pode acontecer um Desastre mas quando eles forem olhar para isso será muito tarde espero que Veja isso antes que aconteça na comunidade favela dos palafitas pior lugar do mundo para morar fica localizada no Pina Avenida Antônio de Góes no Recife Pernambuco tem essas coisas mas ninguém mostra só Givanilson Berg Pernambucano arretado naturalmente do interior de Pernambuco mas hoje mora no Recife Brasil.



<https://www.youtube.com/watch?v=Pg5p1PXus0E>

Usando a fotografia como ferramenta de transformação social, o projeto “Olhares da Rua” oferece oficinas gratuitas a jovens carentes, com idades entre 10 e 16 anos. O objetivo é estimular a criatividade e possibilitar a reflexão crítica sobre o cotidiano, em alguns bairros da periferia do Recife



<<https://www.youtube.com/watch?v=IO4UZgdzhWU>>

A parceria Etapas e MobiBrasil teve o objetivo de difundir a arte do grafite como ferramenta de transformação social, mostrar as expressões artísticas das periferias do Recife e efetivar o direito dos adolescentes e jovens de ocupar e interferir na cidade.



<<https://www.youtube.com/watch?v=NczWUzESzXA>>

## Considerações

A pandemia impôs limitações à análise da participação social e das expressões dissidentes urbanas nos últimos anos, dificultando a observação empírica das manifestações juvenis na cidade. Entretanto, é fundamental reconhecer que a performance cultural dos sujeitos constitui um processo de construção identitária, intrinsecamente ligado às interações sociais e à troca de conhecimentos dentro dos grupos aos quais pertencem.

A reintegração dos artistas de rua ao centro urbano emerge como elemento crucial para a ampliação da participação social. Suas manifestações, frequentemente marcadas por críticas sociais, políticas e econômicas, transpõem as experiências da periferia para o espaço público central, promovendo a visibilidade de corpos dissidentes e reivindicando seu direito à cidade. A inclusão dessas expressões artísticas na

programação cultural oficial configura-se como uma estratégia fundamental para a efetivação de políticas sociais de inclusão e democratização do espaço urbano.

A arte urbana, ao se apropriar de espaços não convencionais, como muros, viadutos, becos e praças, subverte a lógica elitista que restringe a arte a instituições formais, como museus e galerias. Essa fuga dos espaços consagrados pela classe hegemônica confere à arte *underground* um caráter de resistência, promovendo a produção de valor social, cultural e político a partir das margens. Em contextos de incerteza e opressão, a criatividade emerge como instrumento de afirmação identitária, fomentando valores como diversidade, respeito, solidariedade e amor dentro da comunidade.

A insistência na reivindicação pelo direito à cidade no século XXI reflete a permanência de desigualdades e exclusões que impedem o pleno exercício da cidadania por parte de jovens periféricos e marginalizados. A expressão artística, nesse contexto, configura-se como um ato de resistência e um veículo de denúncia contra um sistema que perpetua a destruição social. Reafirma-se, portanto, a importância da convivência e do respeito às diferenças na construção de uma sociedade justa e democrática, na qual a cultura seja um instrumento de emancipação e transformação social.

## Referências

ARROYO, Michele Abreu. Educação Patrimonial ou a cidade como espaço educativo? In: Revista Outro Olhar – revista de Debates. Ano IV, n. 4, BH, out. 2005.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. *A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos*. [In]: BAUER, martin; GASKELL, George (org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. A cultura no mundo líquido moderno. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Z. Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre, (1983). *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.

\_\_\_\_\_, (1983b) *Sociologia* (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática.

CALDAS, W. Cultura. São Paulo: Global, 2008. CASTELLS, M. A era da informação: O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CHARLOT, B. Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHAUI, M. Cultura e democracia. En: Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales. Buenos Aires: CLACSO, Año 1, n. 1, p. 53-76, 2008

GROPPO, LUÍS ANTONIO (2000): Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2012.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Arte de Rua. História das Artes, 2022. Disponível em: <<https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/arte-de-rua/>>. Acesso em 14 Jun 2022.

ORIÁ, Ricardo. Memória e Ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. 5. ed. São Paulo: Contexto. 2001.

PINTO, Louis, (2000). *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social* Rio de Janeiro: Editora da FGV.

SETTON, Maria da Graça J., (2002). Família escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa* Revista da Faculdade de Educação da USP, v. 28, n. 1, jan.-jun. 2002, p. 107-116.